

PENSAR A GEOGRAFIA – NA VIRADA DO SÉCULO

Alexandrina Luz Conceição

Doutoranda em Geografia Humana pelo Depto. de Geografia-FFLCH/USP e Prof^a do DGE/UFS

RESUMO:

Este artigo tem como objetivo apresentar uma reflexão sobre o pensar geográfico na virada do século. O pensar o final do século XIX, na especificidade das idéias ratzelianas como representações de uma época, compreende um método que se propõe analisar o tempo vivido, como possibilidade de abrir janelas para sinalizar alternativas que possam melhor compreender o hoje.

PALAVRAS-CHAVE:

Zeitgeist (espírito do tempo), Weltgeist (espírito do mundo), Ideologia, Estado, Nacionalismo.

ABSTRACT:

This text presents a reflection about geographical thought in the century turning. Thinking about the end of nineteenth century, under the specificity of Ratzel's ideas as representations of a period, consists of a method that proposes to analyze the time lived, as a possibility to open windows that point out to alternatives that can lead to a better comprehension of the present.

KEYWORDS:

Zeitgeist (time spirit), Weltgeist (world spirit), Ideology, State, Nationalism.

" Cada qual é filho de suas obras, e do jeito que a passividade faz a cama, nela se deita."
Guy Debord

"O momento da inércia da vida e do pensamento humanos parece imenso, e a capacidade de sofrimento dos indivíduos talvez chegue muito perto daquela dos animais. Não obstante, existe um limite absoluto, mesmo que este esteja à beira da 'destruição do mundo', limite do qual ninguém pode dizer o quanto estamos distantes. É possível que a era das trevas da crise do sistema produtor de mercadorias, com suas formas de percurso e acontecimentos catastróficos, abranja boa parte do século XXI".

O discurso de Robert Kurz no final deste século representaria o contra-discurso da virada do século XIX. Enquanto o espectro do caos e das trevas ronda estes tempos, "progresso" e "evolução" indicavam naqueles tempos a razão iluminista abstrata de uma sociedade projetada na lógica imanente

¹ KURZ, Robert. *O Colapso da Modernização*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1993, p. 223.

do movimento abstrato da forma mercadoria. Nos fins do século XIX, o avanço industrial, com o desenvolvimento técnico, engendra relações capitalistas de exploração do trabalho que atinge os mais altos graus de subordinação ao mercado mundial. O Mercado surge como pressuposto de possibilidades de satisfação, que representa o progresso. A libertação anunciada pela modernização burguesa, e garantida pelo Direito, constituía o invólucro do sonho de emancipação. Labor, Crescimento e Liberdade compreendiam o imaginário de uma época que antevia a redenção pelo trabalho imaginário formador tanto do mundo capitalista como do socialista.

O olhar revelado na literatura, arte e na música, no período que se seguiu a 1830, indica a presença de uma fala a partir de um olhar para fora, daquele que vê possibilidades de mudanças. A própria nostalgia em vibração traz representações do velho em frente ao novo. Natureza e Sociedade passam a ser explicadas a partir da compreensão sobre “o que é”. O desenvolvimento da biologia evolucionista modifica as idéias sobre o equilíbrio da natureza, e é visto como resultante da luta entre as espécies. As relações são estabelecidas pela competição, na sobrevivência do ‘mais apto’ – que significa progresso. As idéias de competição e seleção foram assimiladas pelas ciências sociais e utilizadas ideologicamente para justificar a ordem social capitalista.²

Natureza, que passa a ser mutável, concebida como produto do desenvolvimento e situada sob a perspectiva das relações dos seres vivos com o meio natural, deixa de ser explicada a partir do campo das idéias, passando a ser estudada pelo método positivo-indutivo: experimental. A idéia de Progresso e de Evolução será o paradigma da Revolução Copernicana. A partir de então há o abandono definitivo da concepção estática do mundo, a Natureza.

Foi RATZEL o primeiro geógrafo a incorporar as idéias do evolucionismo biológico e da organização ecológica. “El evolucionismo suministraba un instrumental analítico e interpretativo fundamental para explicar las conexiones entre unos hechos y otros y, en relación con ello, la dinámica de las actuaciones humanas y sociales en el espacio geográfico... En primer lugar, se encuentra la perspectiva que cristaliza en la elaboración ratzeliana, caracterizada por remitir a las categorías darwinistas para argumentar interpretaciones de los procesos humanos basadas en rígidos esquemas de determinación natural, situándose en un horizonte significativamente próximo al del denominado darwinismo social”³.

Friedrich Ratzel, nascido em 30 de agosto de 1864 e morto em 9 de agosto de 1904, viveu e participou de uma época de grande peso histórico revolucionário. O seu pensar refletiu-se em um momento histórico, onde se tornam ascendentes as “transformações nacionalistas”, em pleno apogeu do liberalismo burguês. Sob a influência das idéias ecológicas de Ernst Haeckel, seu professor na Universidade de Berlim, Ratzel foi o primeiro geógrafo a identificar a geografia com a ecologia humana; para ele a geografia é sobretudo uma ecologia humana. O seu objeto de preocupação são as relações dos organismos vivos entre si e suas relações com o meio ambiente. Para Ratzel, “não devemos pois considerar a variabilidade⁴ do homem de maneira tal que em certo sentido qualquer influência externa deva deixar sobre ele sua marca, e uma marca característica cuja natureza se possa até reconhecer. O homem é um organismo que segue as próprias leis e que, sempre de acordo com estas, embora de forma independente, elabora tudo aquilo que lhe provém do exterior. Este afirmar-

³ _____, *Op. cit.*, p. 33.

⁴ Ratzel se refere à propriedade de produção de modificações na história da criação nos longos períodos de tempos. Ver: MORAES, Antonio Carlos Robert.(org). *Ratzel*, – Coleção de Textos. São Paulo, Ática, 1990.

² CAPEL, Horacio. *Filosofia y Ciencia en la Geografía Contemporánea*. Barcelona, Barcanova, 1981.

se da individualidade humana, em meio às influências exteriores, não obstante às violentas relações que lhe são impostas, constitui um elemento essencial do conceito de vida.”⁵

Na sua crítica a Darwin, Ratzel afirma que, – embora os povos sejam constituídos por organismos vivos, logo sujeitos à lei da variabilidade – nem todos os organismos se modificam na mesma medida diante da mesma intensidade das influências externas. É preciso cuidar para observar a influência do processo de formação dos povos. Para evitar resultados errôneos, é preciso não atribuir a influência das condições naturais, subtraindo a ação das causas intermediárias que se interpõem sobre os efeitos climáticos, por exemplo: “a maior parte das influências que a natureza exerce sobre a vida espiritual do homem se manifesta através das condições econômicas e sociais que pôr sua vez estão intimamente ligadas entre si”⁶. Sem contudo perder de vista que estas condições, assim como os costumes e a educação não são independentes da natureza do território, dependem das condições naturais. A expressão “condição natural” faz lembrar as concepções eugênicas que se colocam enquanto discurso da capacidade do homem em modificar o meio natural (em um certo nível de desenvolvimento e organização) – as condições naturais constituem estímulo ou freios ao desenvolvimento de um povo.

Para WITTFOGEL, o centro da reflexão de Ratzel era a questão da relação do Estado com o solo. Para o autor a concepção de Ratzel é “imaculada” “O Estado vive do solo sem que as características do solo tenham que passar pelo profano. “O crescimento do Estado não se faz a partir das fontes de riqueza material. Ele elimina da sua análise a problemática da esfera social e econômica. Entretanto, a partir de uma materialismo ingênuo, leva em consideração o

fator de formação econômica. A sua análise parte de categorias políticas e, sobretudo, de elementos naturais⁷. A paisagem olhada por Ratzel será fortemente marcada pela concepção naturalista.

Nas “Leis do Crescimento Espacial do Estado”, Ratzel o vê em constante movimento, e seu crescimento orgânico se dá pela anexação dos Estados mais fracos (pequenos), que procuram se agregar para se igualarem aos mais fortes, pelo “desejo” de terras. Essa tendência à imitação do grande é considerada pelo autor como vital – essas são as leis do progresso. A luta por anexação e por incorporações espaciais é condição natural e historicamente observada através dos movimentos internos migratórios, que se locomovem constantemente nas faixas de fronteiras – a integração à nação maior é uma ação necessária e positiva⁸. As afirmações de Ratzel enfatizam a influência das concepções da Idéia Nacional.

O nacionalismo dos anos 1880-1914 passava a representar o direito de autodeterminação, que significava o direito de soberania. A língua passa a ser o principal critério, ou mesmo único, para a existência de uma nação potencial e o afloramento dos sentimentos nacionais – o critério etnolinguístico passa a definir uma nação. Não serão problemas de comunicação ou de cultura que definirão a questão da língua, mas a língua demarcará as relações de poder, *status*, política e ideologia. Isto é possível com o surgimento da genética, que passa a ocupar o lugar do evolucionismo darwinista e traz o racismo como definidor de civilização – racismo e nacionalismo serão tratados de forma única, sem fronteiras. Nação e raça muitas vezes são colocadas como sinônimos. Raça passa a ser então um conceito fundamental para os estudos das ciências sociais. A rela-

⁵ RATZEL, Friedrich. “Geografia do Homem (Antropogeografia), in MORAES, A. C. R., *Op. cit.* p. 60.

⁶ _____, *Op. cit.* p. 64.

⁷ WITTFOGELI, Karl August. “Geopolítica, Materialismo Geográfico e Marxismo”, in *Caderno de Seleção de Textos, São Paulo, AGB, n. 20 - março/1992.*

⁸ RATZEL, Friedrich. “As Leis do Crescimento Espacial dos Estados” in RATZEL, *Op. cit.*

ção raça e nacionalismo será permitida: pelo rápido progresso da modernidade (com o crescimento industrial que intensifica as desigualdades urbanas e, conseqüentemente, as péssimas condições de trabalho e de habitação); pelas migrações, diáspora múltipla de povos, – (com a evolução das máquinas há a ameaça ao desemprego e uma conseqüente formação de mais valia relativa); pelos temores da grande depressão⁹.

A identificação do nacionalismo com o Estado foi essencial aos princípios nacionalistas – Raça = Nação = Estado. Essa concepção de Estado passa a ser antípoda à filosofia liberal, embora não se afaste dos princípios liberais (liberdade e individualidade). O Estado passa a ter o papel de: protetor do fraco contra o forte na garantia da liberdade e da individualidade; protetor dos necessitados (nas catástrofes); interventor nas grandes crises econômicas e nas guerras¹⁰

O organicismo do século XIX se apoiou nos conceitos biológicos de organização, que passaram a ser usados para compreender a complexidade de todos os fenômenos. Toda a terra foi considerada como um organismo – ser vivo. O novo organicismo foi alimentado pela filosofia da natureza da época romântica. “Volkgeist (espírito nacional) e Zeitgeist (espírito da época) são os alicerces do pensamento romântico. A Volkerpsychologie de Wundt¹¹ insere-se, assim, no projeto romântico de uma compreensão do Zeitgeist, na medida em que se estuda sua

manifestação na vida dos povos e das comunidades humanas”¹².

O Espírito de uma época (Zeitgeist), para LITT,¹³ tem estreita relação com o espírito do povo (Volkgeist). O espírito da época pode ser considerado como o espírito do povo em uma determinada época, contudo, o espírito de uma época deve ser visto quando se refere à forma de atuar de um povo ou ao modo de ser (conjuntos de modo de ser ou de atuar) em uma determinada época. Conforme este autor, para Hegel o sentimento que um povo tem de si e de suas posses, instituições, costumes, etc. constitui o espírito do povo – de um espírito determinado e determinado pela sua história. Por isso o espírito de um povo equivale a um indivíduo no curso da história universal, logo, os espíritos dos diversos povos no curso da história são os graus na história do universo, na qual se realiza o espírito universal. Este espírito representa a consciência do povo e da época. A história universal é o desenvolvimento da consciência do espírito de sua liberdade. A substância e a essência do espírito estão condicionadas pela liberdade. Todas as qualidades do espírito só existem através da liberdade; esta é a sua única verdade.

Na visão de Gerard LEGRAND¹⁴, a filosofia romântica introduz as expressões “espírito de um povo” e “espírito de uma época” fundamentada no princípio abstrato do sentimento, da imaginação, da vontade e da reflexão, que representam princípios comuns a todos (sentimentos, vontades e a todas as reflexões).

Temos a compreensão do espírito como idéia universal e não como algo particular. “O espírito é a substância e a essência universal, igual a si

⁹ _____ *Op. cit.*

¹⁰ HOBBSBAWN, Eric J. *Nações e Nacionalismo - desde 1780*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.

¹¹ MARTINS, Luciana de Lima. *Friedrich Ratzel através de um prisma*. Dissertação de Mestrado defendida para a obtenção de grau de mestre em Ciências, UFRJ, Rio de Janeiro, setembro, 1993. Na sua dissertação Martins refere-se a Wilhem Wundt (1832-1920) que desenvolveu no laboratório de psicologia de Leipzig uma “metodologia experimental aplicada ao fenômeno humano total”, com o objetivo de investigar se existem níveis intermediários entre o espírito do Homem e o da Terra (tema já proposto por Gustav Theodor Fechner (1801-1887) no *Zend Avesta*, filósofo que segundo Martins exerceu grande influência em Ratzel).

¹² _____ *Op. cit.* p. 99.

¹³ Ver estudos de LITT, Theodor do seu livro *Philosophie und Zeitgeist*, 1955, in *Dicionário de Filosofia de José Ferrater Mora*, Tomo I, Buenos Aires, Sudamérica, 1971 (referência sobre *espírito*).

¹⁴ LEGRAND, Gerard. *Dicionário de Filosofia*. Rio de Janeiro, Edições 70, Brasil Ltda, 1993.

mesma e permanente: o inabalável e irredutível fundamento e ponto de partida do agir de todos, seu fim e sua meta, como (também) o em-si pensado de toda a consciência-de-si. Essa substância é igualmente a obra universal que, mediante o agir de todos e de cada um, se engendra como sua unidade e igualdade, pois ela é o ser-para-si, o Si, o agir. O espírito é a vida ética de um povo, enquanto é a verdade imediata: o indivíduo que é um mundo¹⁵. Para Hegel, a universalidade se realiza através da mediação alienadora da consciência-de-si. Esta só se torna real à medida que se aliena a si mesma, pondo-se como universal.

“A pura contemplação de si mesmo como da humanidade universal tem na efetividade do espírito do povo a forma de unir-se com os outros, com os quais, pela (própria) natureza, constitui uma nação para uma empresa comum; para tal obra forma um povo-integrado e por isso um céu-coletivo¹⁶. Essa universalidade a que o espírito chega constitui um agrupamento de individualidades, que não passou ainda sua imediatez – tribo, não formou um Estado, há apenas uma ação comum – o agrupamento dos espíritos-dos-povos.

O espírito se manifesta no tempo enquanto não apreende seu conceito puro, ou seja, enquanto não elimina o tempo. O tempo se manifesta como destino e a necessidade do espírito; ele é a alienação necessária. Ao se perder, o sujeito torna-se outro, para tornar-se verdade de si mesmo. “O espírito não pode atingir sua perfeição como espírito consciente-de-si antes de ter-se consumado em-si, antes de ter-se consumado como espírito do mundo¹⁷”

Para HEIDEGGER o “espírito” não cai no tempo, ele existe como temporalização originária da temporalidade. Esse “cair” pertence à temporalida-

de¹⁸. É a potência de conservação mais profunda de suas forças da terra e sangue. O espírito escreve seu traço de união entre o mundo, a história, o povo, a vontade da essência, a vontade de saber.

Se para HEGEL “O pensar em si, repleto apenas de si e, portanto, vazio, só se enche com um conteúdo particular, que do ser determinado é elevado à representação universal¹⁹, logo o pensar em si, enquanto universal, constitui a representação de vários sujeitos singulares. Contudo, o indivíduo é determinado por suas qualidades universais. A universalidade deve ser compreendida como o autodesenvolvimento de um sujeito que, ao mesmo tempo, contém e compreende o individual e o particular, que tem no universal a base incontestável da sua realidade. A formação do universal é um processo histórico, e o universal é um fator histórico. O verdadeiro sujeito da história é o universal e não o indivíduo e a essência deste universal é o espírito. Um princípio universal está, pois, latente nos propósitos particulares dos indivíduos (suas necessidades), que constituem as únicas fontes da ação dos homens. A sua consciência está condicionada por esses interesses. Alguns indivíduos superam esta condição e criam novas formas de vida. São os considerados por Hegel de homens da história (Alexandre, César, Napoleão), no entanto eles não são os sujeitos efetivos da história, são os “agentes do espírito do mundo”²⁰

“O sujeito último da história é chamado por Hegel o espírito do mundo (Weltgeist). É responsável pelo desenvolvimento da arte, religião e filosofia. Sua realidade se condensa naquelas ações, tendências, esforços e instituições que encarnam os interesses da liberdade e da razão. Ele não existe separado destas realidades, e atua por meio destes

¹⁵ HEGEL, G. W. Friedrich. *Fenomenologia do Espírito*, Parte II, Petrópolis, Vozes, 1993, pp.8-9.

¹⁶ _____. *Op. cit.* p. 171.

¹⁷ _____. *Op. cit.* p. 216.

¹⁸ HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Parte II, Petrópolis, Vozes, 1997

¹⁹ VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. *Filosofia da Práxis*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1968, p. 201.

²⁰ MARCUSE, Herbert. *Razão e Revolução - Hegel e o Advento da Teoria Social*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

agentes e destas funções. A lei da história, que é representada pelo espírito do mundo, atua, portanto, por trás e acima das cabeças dos indivíduos, sob a forma de um poder anônimo irresistível. A soberania do espírito do mundo, tal como Hegel a descreve, revela os traços sombrios de um mundo controlado pelas forças da história, em lugar de as controlar.²¹ Deus é o Espírito do Mundo. Espírito Divino, que é o Espírito Absoluto.

Espírito e mundo, sujeito e objeto, não se separam. Nos estudos sobre Filosofia da Práxis, VÁZQUEZ afirma que, segundo MARX, para HEGEL “a história do espírito é também, por isso, a história real dos homens que são seus portadores. As experiências concretas, humanas, práticas ocorrem nessa história espiritual, mas não em sua forma real, histórica, e sim como momentos ou manifestações do próprio desenvolvimento do espírito.”²²

“A inversão que MARX efetua para ‘salvar por transferência’ o pensamento das revoluções burguesas não consiste em substituir banalmente pelo desenvolvimento materialista das forças produtivas o percurso do Espírito hegeliano que vai ao encontro de si mesmo no tempo, Espírito cuja objetivação é idêntica à sua alienação e cujos ferimentos históricos não deixam cicatrizes. A história que se tornou real já não tem fim. MARX demoliu a posição separada de HEGEL diante do que acontece e a contemplação de um agente supremo exterior seja ele quem for.”²³

Para MARX, GEIST (espírito) é refletido como saber, visto como superestrutura. Para ele, todas as forças ideológicas de uma sociedade são sinônimos ou complementares de um certo tipo de práxis, da maneira que a sociedade estabelece sua relação com a natureza. O “espírito” de uma sociedade compreende o seu modo de produção, pois este já é um certo modo de coexistência dos homens, que se realiza, se transmite e se percebe pelos objetos cultu-

rais que ela dá a si própria e no meio dos quais ela vive²⁴ Criticando “As teses sobre Feuerbach” Karl MARX afirma que “a essência humana não é uma abstração inerente ao indivíduo singular. Em sua realidade, é o conjunto das relações sociais”²⁵. Para o materialismo histórico dialético, as representações dos homens estão diretamente relacionadas com suas atividades materiais. O representar, o pensar, o seu intercâmbio espiritual são emanações diretas de seu comportamento humano, do ato de produção e desenvolvimento de suas atividades. O que eles são coincide com o que produzem e o modo como produzem. O que eles são depende das condições materiais de sua produção. Ao desenvolverem sua produção e seu intercâmbio material, transformam seu pensar e os produtos do seu pensar. Na produção social de sua existência, os homens estabelecem relações determinadas, necessárias, independentes da sua vontade, correspondentes a um determinado grau de desenvolvimento das forças produtivas. “Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência” A consciência é portanto um produto social²⁶

ENGELS, no texto sobre “Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã”²⁷ afirma que os rápidos progressos das ciências naturais e da indústria foram impregnando de um conteúdo materialista os sistemas filosóficos idealistas, esforçando-se em conciliar, de maneira panteísta, a antítese entre o espírito e a matéria. Para este, a limitação do materialismo era sua incapacidade de conceber o mundo como um processo, como uma matéria sujeita ao desenvolvimento histórico. Os homens fazem sua história, na

²¹ _____ *Op. cit.* pp. 214-5.

²² VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. *Op. cit.*, p. 62.

²³ DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro, Contraponto, 1997, p.52.

²⁴ Refiro-me a análise de Maurice Merleau Ponty sobre “Marxismo e Filosofia” Texto lido por mim, in *Os Pensadores*, São Paulo, Abril Cultural, 1980.

²⁵ MARX, Karl e ENGELS, F. *A Ideologia Alemã*. São Paulo, Hucitec, 1996, p. 13.

²⁶ _____ *Op. cit.*

²⁷ In: *Obras Escolhidas*, vol. 3, São Paulo, Alfa Ômega, s/d.

medida em que cada um busca seus fins próprios, com a consciência e a vontade do que fazem. O resultado final da história decorre dos conflitos que se estabelecem entre numerosas vontades individuais, e cada qual resulta de uma multidão de condições de existência particulares. São nas ações em conjunto e contínuas que se dão as grandes transformações históricas.

Todo conhecimento é prático. Só a prática nos põe em contato com as realidades objetivas, em relação com o mundo, com objetos, com seres vivos e humanos. Esta relação faz parte do próprio 'ser'. O conhecimento humano é social. Ao se relacionarem, os homens estabelecem relações cada vez mais ricas e complexas. Os seres humanos transmitem seus conhecimentos – pelo exemplo ou pelo ensino. Todo conhecimento foi adquirido e conquistado, logo tem caráter histórico²⁸. O resultado final da história decorre dos conflitos que se estabelecem entre muitas vontades individuais, cada uma das quais é o resultado de uma multidão de condições de existência particulares²⁹.

Na "Introdução à Crítica da Economia Política," MARX, ao refletir sobre o Método da Economia Política, tece críticas à análise da sociedade como um indivíduo único, e a analisa a partir da compreensão da sua totalidade, pelo real, pelo concreto. A totalidade concreta, enquanto totalidade-de-pensamento, enquanto concreto-de-pensamento, é de fato um produto do pensamento, da atividade de conceber, o todo que aparece no espírito é um produto do cérebro pensante, é um produto da elaboração de conceitos a partir da observação imediata e da representação. Segundo Marx, ao reduzir a plenitude da representação à uma determinação abstrata, Hegel caiu na ilusão de conceber o real como resultado do pen-

samento, que se concentra em si mesmo e se movimenta por si mesmo.

Enquanto para Hegel o processo de pensamento (idéia) é o demiurgo do real, para Marx o ideal é o material. O objeto real conserva sua independência fora do espírito, o mundo só é real quando concebido pela a consciência. A produção de idéias, da consciência está diretamente relacionada com a atividade material e jamais pode ser outra coisa do que o ser consciente, e o ser dos homens é o seu processo de vida real³⁰.

Final do século XX – o capital não é mais produzido a partir da mais valia nacional, e sim pela mais valia mundial. O modo de produção rompe as fronteiras das economias nacionais e se dá a formação de mercados financeiros internacionalizados. Os investimentos precisam ser fluídos, flexíveis a fim de atender ao movimento das mercadorias, aos melhores juros a velocidade da técnica é que estabelece o padrão de produtividade. Os grandes capitais sufocam concorrencialmente aqueles que não podem acompanhar o padrão de produtividade. Esses para competir ou simular a competição, mantêm o nível de exploração dos trabalhadores através de baixos salários (trabalho forçado ou escravo), longas jornadas de trabalho ou se subordinam à condição única de exportadores (Europa Oriental e Sudeste Asiático).

O espaço se torna fluído como contentor das relações de trocas – valor de uso, e rígido, enquanto território de "comando" dos blocos econômico, (CCE, EUA e Japão) que estabelecem barreiras por meio de estruturas de subvenção e conflitos comerciais. O espaço internacionalizado e globalizado é exclusivo às formas econômicas de circulação do dinheiro e do mercado. – enquanto valor.

O fetiche da mercadoria, o fetiche do dinheiro se impõem pela ausência da crítica. O vazio é o lugar da alienação – homens sem essência, sem re-

²⁸ LEFEBVRE, Henri. *Lógica Formal/Lógica Dialética*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1995.

²⁹ ENGELS, Friedrich. "Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã." in *Obras Escolhidas*, vol. 3, São Paulo, Alfa Ômega, s/d.

³⁰ MARX, Karl e ENGELS, F. *Op. cit.*

ferências, ausentes do próprio corpo, expropriados de memória a-históricos. Homem e Natureza são compreendidos como representações – simples mercadorias – valores de trocas³¹

Que geografia temos proposto? A Idéia Nacional!! Zeitgeist I?

Se as idéias de cada época são expressão ideal das relações materiais dominantes entre as condições de produção, os produtores destas idéias e as circunstâncias materiais que são a base dessas idéias, logo, no atual espaço das relações de produção, o lugar é abstrato e ganha significante enquanto definido e definidor do trabalho abstrato. E é neste significante que passa a ter seu significado, deixando de ser fluído enquanto aparência, para assumir o significado de “lugar de resistência”

³¹ Nossas reflexões estão sustentadas nas teses de Robert Kurz, principalmente nos ensaios publicados no livro: KURZ, Robert. *Os Últimos Combates*. Petrópolis, RJ, Vozes, 1997.

No entanto, não se pode esquecer que no discurso do anti-hegelianismo podemos inverter o invertido, cientes de si e para si, sujeitos ideologicamente automatizados no tempo espetacular. Abstraídos no universal, particularizamos idéias subsumidas inúmeras vezes das vontades do “espírito do mundo pós-moderno” “Weltgeist”? Como sujeitos subtraídos de seu próprio tempo, na alienação viva no tempo consumível da produção da mercadoria do movimento permanente do fetiche do dinheiro, vivemos “o tempo cíclico, o tempo da ilusão imóvel, vivido realmente; o tempo espetacular da realidade que se transforma, vivido ilusoriamente”³².

Obs.: Este artigo vem sendo refletido desde abril de 1997, e esta redação final foi escrita entre junho a julho de 1998, devendo ainda ser aprofundada como contribuição à minha tese de doutorado.

³² _____. *Op. cit.*, p. 162.

